

Waltinho afirma
que 'a alma do
filme' foi premiada

PÁGINA 3



Diretor aprecia
os personagens
marginalizados

PÁGINA 5



Ana Maria Braga
terá um reality
culinário em 2025

PÁGINA 6



2º CADERNO



*Isaac Amendoim
dá vida ao herói
rural de Maurício
de Sousa lançado
em 1963*

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Do Natal até agora, o cinema brasileiro emplacou um blockbuster com 2 milhões de ingressos vendidos (“O Auto da Compadecida 2”), testemunhou a consagração de Fernanda Torres na festa do Globo de Ouro e emplacou “Ainda Estou Aqui” em listas de melhores filmes do ano de importantes associações. Se os augúrios para 2025 já estão bons, que dirá após “Chico Bento e a Goiabeira Maraviosa”, que estreia neste fim de semana, cumprir sua vocação de sucesso e devolver ao circuito exibidor a certeza de que uma produção nacional infantojuvenil pode peitar a concorrência estrangeira nesta temporada de férias.

Da década de 1970 até o ano de 1990, Os Trapalhões e Xuxa cumpriram bem essa função. A Rainha dos Baixinhos voltou a ocupar esse posto entre “Requebra” (1999) e “O Mistério de Feirinha” (2009), época na qual Renato Aragão (que chega aos 90 anos nesta segunda) emplacou uma série de acertos em aventuras solo de seu chapliano Didi.

Com a saída deles da telona, criou-se um hiato, vez ou outra preenchido por animações locais (vide “Arca de Noé”, de Alois Di Leo e Sergio Machado) ou por franquias da Turma da Mônica, sobretudo os longas “Laços” (2019) e “Lições” (2021). É desse mesmo universo, inaugurado pelo quadrinista Maurício de Sousa, em 1959, que brota um potencial recordista de público, salpicado de elogios em suas exibições pré-lançamento.

Continua na página seguinte

Chico Bento ganha as telonas, em live action, 62 anos depois de sua estreia nos quadrinhos, com o agroinfluencer Isaac Amendoim à frente de um elenco em estado de graça

Na raiz da roça

CORREIO CULTURAL



Divulgação

'Ainda Estou Aqui': campanha massiva nos EUA

Cancelado evento de 'Ainda Estou Aqui' visando o Oscar

Uma sessão de "Ainda Estou aqui" para votantes do Oscar teve que ser cancelada na noite desta terça-feira (7), em Los Angeles, após fortes incêndios atingirem os arredores da cidade na Califórnia. O evento teria a participação da atriz Fernanda Torres e do diretor Walter Salles em uma conversa com o cineasta mexicano Guillermo Del

Toro, de "A Forma da Água". O incêndio, que começou na tarde de terça, promoveu um ambiente de caos na cidade californiana, resultando em cerca de 30 mil pessoas fora de casa, congestionamentos e destruição. Artistas como Tom Hanks, Adam Sandler e Michael Keaton estão entre os que tiveram que deixar suas casas.

Califórnia arde

Outros eventos ligados a cinema também foram cancelados em decorrência do fogo, entre os quais uma reunião sobre o filme "Emilia Pérez" com a presença da atriz Karla Sofia Gascón, que disputou o Globo de Ouro no último domingo (5).

Califórnia arde III

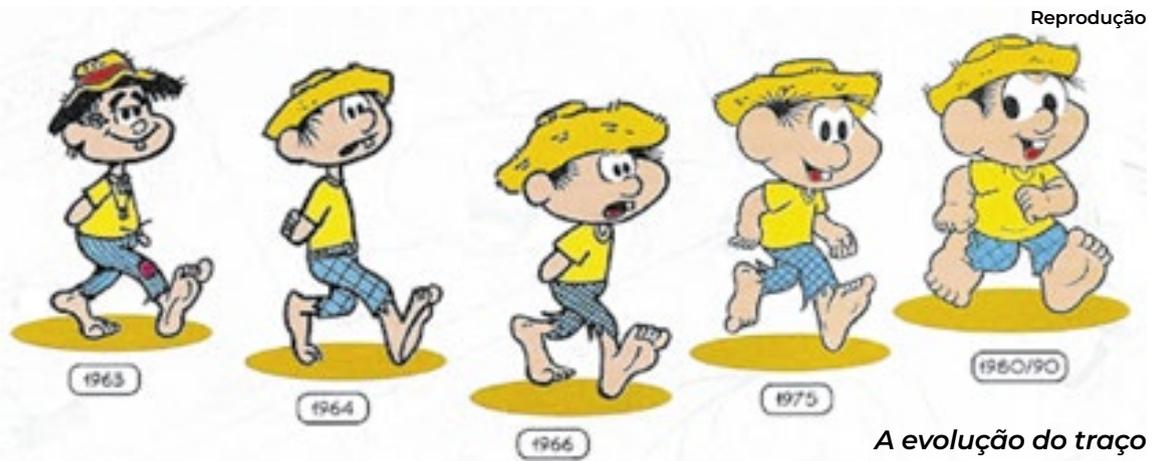
Fernanda ficou de fora da disputa do SAG Awards, o prêmio do sindicato dos atores de Hollywood, um dos termômetros para o Oscar. Pamela Anderson, Cynthia Erivo, Karla Sofia Gascón, Mickey Madison e Demi Moore foram as indicadas.

Califórnia arde II

Os eventos precisaram ser cancelados em função dos bloqueios gerados nas vias de Pacific Palisades, bairro nobre de Los Angeles. Milhares de moradores deixavam suas casas ao mesmo tempo, o que gerou intenso congestionamento.

Califórnia arde IV

O 31º SAG Awards ocorre em 23 de fevereiro, com apresentação de Kristen Bell e transmissão via Netflix. A premiação dá continuidade à Oscar Season, a temporada de premiações que antecede o Oscar e que começa com o Globo de Ouro.



A evolução do traço de Chico Bento desde 1963

O carisma de Isaac em cena é indiscutível

Fábio Braga/Divulgação



Isaac Amendoim é um influenciador digital mirim para quem o papel do caipira mais travesso e famoso das HQs brasileiras caiu como uma luva

Coube a um mineirinho nascido na cidade de Cana Verde, em 2014, dar vida a Chico Bento no filme dirigido por Fernando Fraiha (de "Bem-vinda, Violeta!"): o youtuber Isaac Amendoim. Há milhões de seguidores atrás de suas contas nas redes sociais, acompanhando o dia a dia desse agroinfluencer com seus animais e amigos humanos. Sua simplicidade (somada a uma simpatia inegável) fez dele a escolha ideal para viver o caipirinha mais famoso dos quadrinhos deste país – esboçado por Mauricio em 1961, mas só lançado em tiras em 1963.

"Existiu um carinho entre to-

dos os integrantes da filmagem que reverbera para a gente da tela para fora na história de um personagem que se conecta com o público pela pureza dele", disse Fraiha ao Correio da Manhã numa apinhada projeção matinal do filme no UCI, na Barra, em ação de pré-estreia, coroada com uma ovação. "Um dos nossos maiores desafios era encontrar a vibração das cores que o Chico tinha no início dos anos 1960".

Que o carisma de Isaac em cena é gigante é indiscutível. Não se discute também a excelência da fotografia de Gustavo Hadba, arteção da luz que vive uma fase de apogeu nas telas desde "O Grande Circo Místico" (2018). Aliás, foi

ele quem fotografou "O Auto da Compadecida 2" também.

Inclua ainda no rol de acertos da versão audiovisual de Chico Bento, produzida pela Biônica Filmes, a (feliz) escalação de Débora Falabella, como Professora Marocas, e presença de Taís Araújo (em luminosa atuação) numa personagem misteriosa, sobre a qual é melhor não revelar nada, para evitar spoiler. Tem ainda um vilão de peso e bigodão, o Dotô Agripino, um empreendedor picareta que almeja dar cabo da fonte das suculentas goiabas de Chico em prol do progresso. Essa figura, que parece o Eufrazino (Yosemite Sam) do desenho "Looney Tunes", extrai de Augusto Madeira um finíssimo redesenho dos arquétipos da vilania, que redefine o lugar da maldade na geopolítica da roça.

Calcada numa interpretação nas raías da ironia de Madeira, Dotô Agripino estrutura uma linha sociológica no roteiro escrito por Elena Altheman, Raul Chequer e Fraiha, fazendo avançar reflexões das ciências sociais e da literatura sobre o universo do campo, que evocam o seminal livro "Os Parceiros do Rio Bonito" (1964), de Antonio Candido (1918-2017).

A caricatura do matuto cai por terra, em prol de uma visão humanista e complexa, mas de instantânea comunicação com as plateias. Essa trilha se alinha com recentes reinvenções das aventuras de Chico Bento nas HQs, como as graphic novels "Verdade" e "Arvorada", ambas de Orlandelli, publicadas pela Panini Comics. A mesma editora lança a revistinha (bi)mensal do moleque mais famoso da Vila Abobrinha, as Gerais imaginárias de Mauricio.

Walter Salles destaca a importância de Fernanda Torres em sua interpretação de Eunice Paiva para o sucesso internacional obtido por seu longa 'Ainda Estou Aqui'

Por Fernanda Ezabella
(Folhapress)

Walter Salles parece cansado, mas nunca para falar de cinema. Menos de 24 horas depois do seu filme "Ainda Estou Aqui" ganhar o Globo de Ouro de melhor atriz para Fernanda Torres, o diretor participou de um painel no Festival de Cinema Internacional de Palm Springs. Para o cineasta, um dos mais respeitados realizadores brasileiros, os anjos e até uma santa protetora deram uma mãozinha.

"Foi uma explosão de alegria porque a Nanda é a alma do filme e foi premiada justamente isso: a alma do filme, e ao mesmo tempo a dona Eunice Paiva, maravilhosa, nossa santa protetora. Acho que ela estava nos acompanhando ali, como nos disse Marcelo e Ana Lu Paiva. Foi um momento incrível", vibrou.

Salles citou então o diretor húngaro István Szabó e os anjos: "Ele dizia quando estava filmando e não encontrava a cena: 'Olha, não se preocupe porque os anjos vão chegar'. E ontem a gente teve a impressão que os anjos tinham chegado naquele momento", continuou o brasileiro.

O diretor contou que, no momento do anúncio, pensou



O diretor Walter Salles orienta sua protagonista Fernanda Torres no set de 'Ainda Estou Aqui'; o cineasta brasileiro não acredita que o filme possa ser indicado em três categorias, como pensa o chefe da Sony Pictures Classic que promove campanha massiva do longa nos Estados Unidos visando a disputa do Oscar

'Premiaram a alma do filme'

muito em Fernanda Montenegro, mãe de Fernanda Torres e com quem ele foi ao Globo de Ouro em 1999 com "Central do Brasil". O filme ganhou o prêmio de melhor em língua não-inglesa, mas Montenegro perdeu o de melhor atriz.

"Na caminhada da Nanda ali para subir [ao palco] eu me lembrei da caminhada da dona Fernanda em 1999 quando o filme ganhou o prêmio", disse Salles.

"E aquilo discurso da Nanda improvisado, achei tão bonito. Os outros discursos às vezes estavam muito escritos e o dela não tinha nada, veio de dentro mesmo. A força da Nanda é isso, é uma pessoa que está sempre em total

sintonia consigo mesma. E saiu aquela coisa linda, de dentro. A gente estava muito comovido."

Em "Ainda Estou Aqui", Fernanda interpreta Eunice Paiva, mulher do ex-deputado Rubens Paiva, que é desaparecido durante a ditadura militar. O filme é baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva, filho do casal.

Salles comparou a atuação de Torres com a escrita de Clarice Lispector. "Clarice dizia que escrever para ela era um eterno cavucar. Ela cavucava, cavucava até achar a matéria. Para encontrar Eunice, o processo foi semelhante. Era cavucar e cavucar até ficar com a essência, só com o músculo e tirar tudo que não era essen-

cial. E para isso você precisa de um talento extraordinário que a Nanda tem, e tem que ter muita fé no processo do cinema."

"É uma atuação baseada na ideia de subtração, em dizer muito com pouco. De conseguir ter sempre algo como um vulcão que está aceso e nunca transborda e ela consegue fazer isso ao longo do filme de uma maneira incrível", continuou.

Sobre as chances de Oscar, cujas indicações serão anunciadas em 17 de janeiro, Salles tenta manter o mesmo ceticismo do Globo de Ouro, apesar da euforia de Michael Barker, co-presidente da Sony Pictures Classics, responsável pela campanha do

filme. À reportagem, Barker disse que "Ainda Estou Aqui" tem chances de indicação em direção, roteiro e melhor filme.

"Não é pessimismo nenhum", diz Salles. "Mas acho que estamos muito próximos da votação [do Oscar] para mudar esse cenário [de ir além das categorias de internacional e atriz]. As possibilidades do filme são essas que foram colocadas ontem no Globo de Ouro", disse.

Salles lembrou que os eleitores do Globo de Ouro, cerca de 300 jornalistas de diversos países, são muito diferentes dos membros da Academia que votam no Oscar, cerca de 9 mil pessoas ligadas à indústria do cinema num eixo maior entre Los Angeles e Nova York.

"Muda muito até do ponto de vista geopolítico. Não é ceticismo. Acho que a gente luta por essas duas vagas, mas não são certas. Vamos ter que torcer ainda bastante. Dona Eunice, com a força dela, vai nos ajudar. Espero."

O que fazer entre dois trabalhos?

Com o solo 'Entressafra', Isabel Guéron estreia como dramaturga e desmistifica o glamour associado ao ofício de atriz

Premiada no cinema, Isabel Guéron estreia nesta quinta-feira (9), às 20h, no Espaço Abu, o solo "Entressafra". Com atuação e dramaturgia da atriz, direção de Cristina Moura e trilha sonora original de Rodrigo Maranhão, figurino de Luiza Marcier e luz de Fernanda Mantovani, o monólogo retrata com humor a vida real de uma atriz, a partir dos dilemas naturais de um cotidiano comum, entre um trabalho e outro.

A profissão costuma ser associada ao glamour, mas Isabel trata de desmistificar o rótulo. Sua personagem é uma atriz de 40 anos que busca se equilibrar nas entressafra, quando não está no palco, gravando ou em turnês, mas com os boletos bancários para pagar, as muitas tarefas e compromissos familiares, as incertezas da vida sem garantias, além de um olhar para ela mesma. "Entressafra é refletir sobre o que somos e o que nos acontece", ressalta a autora, que desenvolveu a montagem a partir do livro homônimo de crônicas que escreveu em 2021, lançado pela Editora Ubook.

"Estava sentada do chão separando as crônicas para o livro e o espetáculo já foi se desenhando para mim. Uma autoficção, sobre uma mulher 40+, mãe-atriz, e como se vive dessa profissão. Entressafra é meu estado

mais comum da existência. É a vida acontecendo", resume a artista, que adaptou o livro para a linguagem cênica e faz de "Entressafra" seu trabalho de estreia como dramaturga.

Como a autoficção do livro, com 60 minutos, o espetáculo se encontra com as vivências e reflexões da mulher-atriz-cidadã durante os períodos de entressafra profissional que seu ofício lhe impõe. A comédia retrata situa-

ções como uma reunião de pais na escola dos filhos, a descoberta que precisava trocar os óculos, a venda do carro que descortinou, no trajeto do ônibus, o reencontro com o seu entorno – tendo como pano de fundo o retrato da

sua cidade partida pelo abismo da desigualdade social do país.

"Em 'Entressafra', Isabel demonstra coragem suficiente para realizar com generosa honestidade a travessia literária. Tão sensível quanto saboroso, seus textos captam instantes da existência, como em uma Polaroid, e nos atinge ao flagrar o que há de mais precário no humano, aquilo que não se confessa, mas escapa", analisa Priscila Gontijo, escritora e dramaturga.

"Com esse olhar de águia, em alta voltagem, ela extrai dos detalhes mais ordinários a sua inusitada grandiosidade. O crachá de acesso ganha dimensão filosófica, assim como o percurso para a manifestação na Cinelândia ou a espera para o sinal abrir, enquanto o filho atravessa de bicicleta. Diferentes tempos se cruzam no instante preciso de apreensão do presente. A experiência de atriz fornece o conhecimento exato daquilo que desequilibra a personagem, sua falha trágica, o deslize que desconcerta e denuncia. Esse lapso é o motor da narrativa. O que importa para Isabel está entre a descoberta e a revelação, na passagem entre o conhecido e o vertiginoso", completa.

Com 35 anos de carreira, Isabel Guéron é carioca, bacharel em Artes Cênicas pela Unirio. É criadora do podcast Isso Não é Noronha, em parceria com a atriz Maria Ribeiro. Como atriz, atuou em mais de 20 espetáculos teatrais, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em turnês pelo país, tem importantes trabalhos na televisão e no cinema, como no filme "Bufo Spallanzani", trabalho que lhe deu, 2001, o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Cinema de Gramado daquele ano.

“Entressafra é refletir sobre o que somos e o que nos acontece”

Isabel Guéron



Manuel Águas/Divulgação

SERVIÇO

ENTRESSAFRA

Espaço Abu (Av. Nossa Senhora de Copacabana, 429 - Loja E)

De 9/1 a 2/2, de quinta a domingo (20h)

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ENTREVISTA / FRANCIS MAYER, DRAMATURGO, DIRETOR TEATRAL E PRODUTOR

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

De rasgar corações em sua cartografia da solidão, “Marginal Genet” abriu a temporada carioca de estreias nas artes cênicas resgatando o que o Cine Teatro Joia tem de mais simbólico: a condição de ser um perímetro de experimentação, com foco em estudos sobre os abismos da alma. Precipícios existenciais (os afetivos sobretudo) têm lugar de honra na dramaturgia de Francis Mayer, que comemora os 40 anos de trajetória profissional nos palcos dialogando com a obra de Jean Genet (1910-1986).

Autor de 20 peças, diretor de 33 espetáculos, ele se profissionalizou com a montagem musical de “O Mágico de Oz”, no Leblon, em 1985, com Ankito e Bia Nunes. “Produzi esse projeto e ainda atuei nele, fazendo o Homem de Lata, mas nunca mais voltei a atuar, pois meu lado produtor me levou adiante, até que passei a dirigir os meus próprios projetos”, diz Francis, que flertou com o cinema, em 2014, na devastadora “Pasolini No Deserto Da Alma”. Agora, no aniversário de suas quatro décadas de arte, mergulha nas páginas de “Diário de um Ladrão” (1949) para recriar o universo genético numa alegoria sobre corpos expostos (e violentados) que carregam espíritos indômitos. No papo a seguir, Mayer explica sua poética.

Qual o simbolismo de Jean Genet para a sua geração e qual foi seu primeiro contato com ele?

Francis Mayer: Posso arriscar que Jean Genet hoje representa “ter liberdade individual para ser o que se é”, com todos os riscos previstos, sendo o avesso da simples obediência a regras pela virtude da transgressão. Curiosamente, quando resolvi fazer audição para fechar o elenco de “Marginal Genet”, percebi que a maioria dos atores que mandaram seus currículos não o conhecia. Então, preparei um ma-

‘Personagens marginalizados têm histórias contundentes’

Acervo pessoal



terial sobre o autor, apresentando-o antes de cada leitura dinâmica, e percebi o encantamento de todos quando souberam da sua história de vida. O meu primeiro contato com Jean Genet foi assistindo (três vezes) “As Criadas”, em 1981, no Teatro Maison de France, com Dina Sfat, Suzana Faini e Jacqueline Laurence. Teve ainda o filme “Querelle”, dirigido por Rainer Werner Fassbinder, em 1982, cujos direitos autorais adquiri para produção da montagem no teatro, em 1989, no Teatro Dulcina, lançando Gerson Brenner como ator. Tive Rogéria no elenco, como Madame Lysiane, e a música “Quero ele”, composta

por Cazusa, especialmente para o espetáculo. “Marginal Genet” marca minha terceira incursão no universo desse autor. Antes, produzi o já citado “Querelle” e, em 1997, dirigi “Alta Vigilância”, no Teatro Candido Mendes.

Seu espetáculo dialoga com uma tradição de teatro queer que, no Rio de Janeiro, rendeu produtos lendários, de comédia e drama. De que maneira “Marginal Genet” conversa com essa linhagem, ligada a conflitos da afetividade entre personagens homossexuais?

No teatro, não me interesso por

textos que tenham a obrigação de levar uma mensagem ao público sugerindo isto ou aquilo. Gosto de personagens conflitantes em situação limite, que resultem em cenas impactantes, que mantenham o interesse da plateia por meio de uma boa história, mesmo que essa não tenha um final feliz. Sempre encontro eco em personagens que vivem à margem da sociedade. Por exemplo, em “Diário de um ladrão”, Jean Genet desfila, em sua “ficção” autobiográfica, a convivência com vários personagens. Escolhi, dentre todos, para “Marginal Genet”, as relações mais enigmáticas que pudessem ilustrar a vida à margem

do protagonista. Invariavelmente, são personagens homossexuais, ladrões, prostitutas... Tenho um carinho pelo submundo. Esses personagens marginalizados têm histórias contundentes para contar. Recebo mensagens de espectadores me agradecendo pelos espetáculos com temas LGBTQIAPN+ que dirijo, enfatizando que tais montagens contribuem para combater preconceitos ao aliar arte com temas pertinentes.

O que um aparelho como o Cine Teatro Joia representa para a cena teatral do Rio de Janeiro?

Eu gosto de espaços com características underground, e o Cine Teatro Joia me remete a isso: um espaço cult, alternativo. Ele mantém sua programação de cinema também. Em agosto de 2024, estreei “Detentos” lá e fizemos duas temporadas. Volto agora com “Marginal Genet”. Tomara que se transforme em um espaço de convivência cultural, reunindo várias tribos.

O espetáculo que fez em 2024 sobre Pier Paolo Pasolini regressa? O que aprendeu na imersão no poeta e diretor italiano?

Já estamos articulando a volta de “Pasolini No Deserto Da Alma” no Rio. Nos planos, também tem uma temporada em São Paulo. Escrevendo sobre Pasolini, diante de uma biografia poderosa, aprendi a ter autonomia, sem trair os fatos reais, para me arriscar em criar situações imaginárias. Essa experiência, definitivamente, me ajudou a chegar no processo de escrita do texto de “Marginal Genet”. Fiquei mais corajoso em “existir” como autor diante da chancela do “livremente inspirado na obra...”, já que as situações na peça são apenas citadas pelo autor.

Que outros projetos tem para realizar?

Tenho inéditos ainda “O Bicho Da Seda Pura”, sobre um estilista que perde o controle da sua marca e tenta voltar ao mercado da moda, e “Dose Dupla de Solidão”, sobre a amizade entre a cantora Ella Fitzgerald e a atriz Marilyn Monroe.

Gastronomia na telinha

Globo aposta em novo reality show culinário com Ana Maria Braga como apresentadora

A Globo vai produzir e estreiar um novo reality show de culinária nos próximos meses, inspirado em uma competição estrangeira criada por Gordon Ramsay, um dos chefs mais conhecidos no mundo.

“Chefe de Alto Nível” vai ser apresentado por Ana Maria Braga e vai selecionar profissionais e amadores da cozinha. O nome do programa em inglês é “Next Level Chef”. As inscrições estão abertas no site [Receitas.com](https://www.receitas.com.br). A estreia está prevista para o segundo semestre.

“Mais do que uma disputa emocionante, nós vamos revelar uma nova estrela da culinária brasileira. As inscrições valem para

todo mundo e começam agora”, avisa a apresentadora.

A dinâmica da atração terá 24 competidores divididos em três níveis de cozinha. Conforme os resultados das provas, os participantes podem subir ou descer um andar. Os ambientes também são diferentes. Cada um tem uma oferta diferente de alimentos, utensílios e condições.

A produção do programa é Rodrigo Tapias e Taluana Grieco, direção geral de Carlo Milani e direção de gênero de Rodrigo Dourado.

O escocês Gordon Ramsay é dono de um império culinário. Nos anos 1990, abriu seu primeiro restaurante no bairro londrino de Chelsea e o estabelecimento



Ana Maria Braga está empolgada com a atração com estreia prevista para o segundo semestre

rapidamente conquistou três estrelas Michelin. Seus restaurantes, espalhados por diversas

idades do mundo, são sinônimo de alta gastronomia e são constantemente premiados.

A fama de Ramsay ultrapassou as paredes de seus restaurantes e chegou às telinhas. Seus programas de televisão, como “Hell’s Kitchen”, “Kitchen Night-

mares”, “MasterChef” e “Next Level Chef”, se tornaram um sucesso mundial. Nesses programas, Ramsay é conhecido por sua personalidade explosiva, críticas diretas e paixão pela culinária, que o transformaram em um ícone da televisão.

Um novo papel para o galã

Henri Castelli abre agência de imigração brasileira nos Estados Unidos

Henri Castelli começou 2025 com uma transição de carreira: ele virou sócio de uma agência de imi-



Será que Henri Castelli inicia o ano de 2025 sinalizando uma transição entre carreiras?

gração. Em parceria com a empresária Camila Segalotti, o ator acaba de abrir uma firma especializada em

facilitar a entrada e permanência de brasileiros nos Estados Unidos.

A empresa Castelli & Segalotti

tem sede em Salt Lake City, capital do estado de Utah. “A busca pelo sonho americano ganhou um novo aliado com a sociedade entre o ator Henri Castelli e a empresária Camila Segalotti”, diz um comunicado de lançamento enviado à imprensa.

Segundo o comunicado, “Camila e Henri se uniram com o propósito de descomplicar os desafios enfrentados por quem deseja viver nos EUA”.

A empresa presta consultoria com relação a green card, visto de trabalho, visto de permanência para familiares, cidadania americana e outros serviços.

Existem mais de 2 milhões de brasileiros vivendo nos EUA, de acordo com dados do Itamaraty de 2023.

Desde sua estreia na televisão, na série “Hilda Furacão” em 1998,

Henri Castelli se tornou um dos galãs mais populares do país, participando de diversas novelas de sucesso da Globo.

A partir dali, sua trajetória foi marcada por diversos papéis de destaque. Ele ganhou ainda mais notoriedade com novelas como “Malhação”, onde interpretou seu primeiro protagonista, e “Celebridade” (2003), que consolidou seu sucesso.

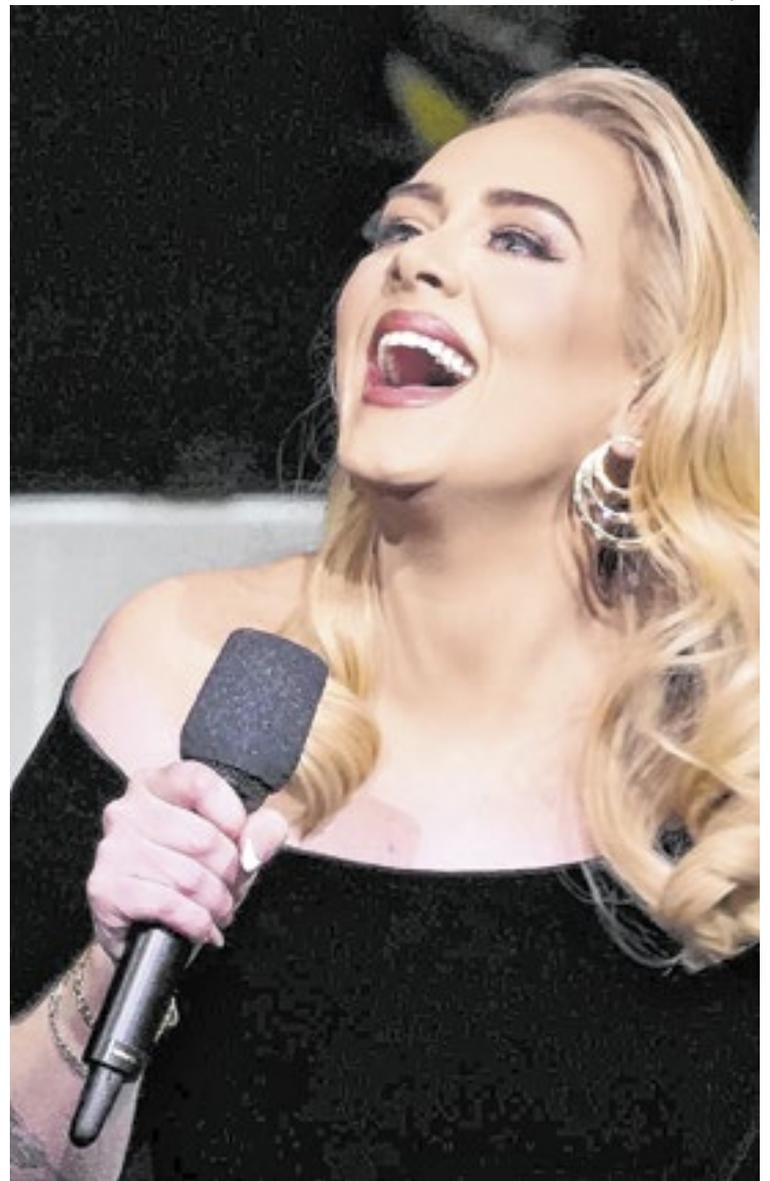
Após um período afastado da telinha, voltou a fazer sucesso com as novelas “Cobras & Lagartos” (2006) e “Flor do Caribe” (2013), interpretando o protagonista Duque.

Além das novelas, Henri também participou de outros projetos, como seriados, minisséries e filmes. O galã é conhecido por sua vida reservada, evitando a exposição massiva de sua imagem.

Divulgação TV Globo

Adele pressiona Toninho Geraes

Nicollas Witzel/Folhapress



Defesa da cantora britânica pede caução de US\$ 1 milhão por prejuízo em processo que é acusada de plagiar a faixa 'Mulheres'

Por **Pedro Strazza** (Folhapress)*

A defesa da cantora Adele e da Sony Music fez um pedido de caução à justiça do Rio de Janeiro sobre o processo de plágio movido pelo compositor

Toninho Geraes. Os advogados da cantora pedem depósito de R\$ 1 milhão aos autores para cobrir os prejuízos da decisão liminar que pede a retirada da canção "Million Years Ago" das plataformas digitais.

A liminar, emitida no último dia 15 de dezembro, proíbe a Sony de reproduzir ou comercializar a faixa, que é acusada de plágio da canção "Mulheres" do brasileiro. À reportagem, o advogado de Toninho Geraes, Fredimio Trota, diz que a medida dos réus é uma cortina de fumaça e de intimidação, afirmando que o músico irá rebater a medida.

"Eles peticionam com dois objetivos evidentes: lançar uma cortina de fumaça para desviar o foco da falsidade e, ao mesmo tempo, tentar intimidar o autor para que o mesmo esmoreça", diz o advogado. Fredimio afirma que a ação teria acontecido depois de Toninho ter sofrido um episódio de hiperten-

Autor de 'Mulheres', sucesso na voz de Martinho da Vila, o compositor e sambista Toninho Geraes acusa a defesa de Adele de falsificação de documentos no processo

são durante uma das audiências do caso, acusando a defesa de Adele de usar golpes baixos contra a saúde frágil do compositor.

O advogado ainda diz que o pedido, além de moralmente perverso, é juridicamente descabido, citando casos na justiça brasileira em que é dispensável a prestação da caução. "Vamos rebater, naturalmente, mais esse expediente malicioso também no processo", avisa.

Em fevereiro do ano passado, Toninho Geraes protocolou um processo contra a cantora. Ele pede R\$ 1 milhão de indenização a ela, Greg Kurstin, o produtor da faixa, e a três gravadoras que representam

Após a liminar que determina a retirada de 'Million Years Ago' das plataformas digitais, Adele e seus advogados exigem uma caução milionária para mitigar os prejuízos decorrentes da decisão

a obra da artista, entre as quais Sony e Universal, que têm sedes no Brasil.

No processo, ele também pede os direitos autorais da música, com juros e correção monetária. Mas o valor ainda é incalculável, por depender de dados sigilosos de vendas e audiência, aos quais a defesa só terá acesso mediante a um mandado judicial.

O ponto central da disputa reside nas alegadas semelhanças entre as melodias das duas músicas. Toninho Geraes afirma que a introdução e diversos outros trechos de "Million Years Ago" são cópias quase idênticas de sua composição. "Mulheres" se tornou um grande

sucesso no Brasil na gravação de Martinho da Vila.

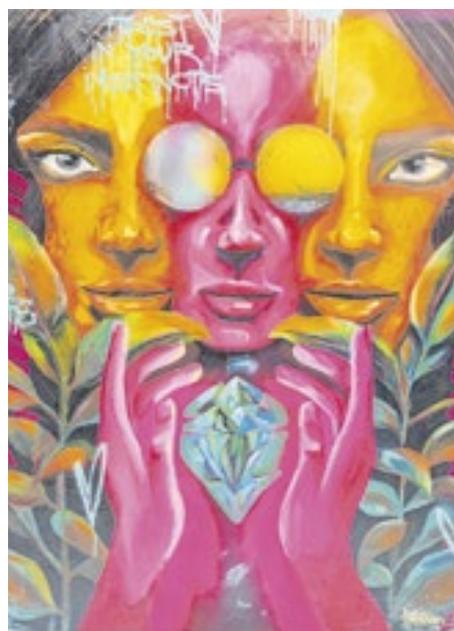
Perícias realizadas por especialistas indicaram a existência de "quase integral consonância" entre as duas músicas, corroborando as acusações de plágio. O caso tem gerado grande repercussão na carreira de ambos os artistas, com debates acalorados sobre os limites da inspiração e da originalidade na música.

O caso coloca em evidência a importância da proteção dos direitos autorais e a necessidade de mecanismos eficientes para combater o plágio na indústria musical, que vive nova fase com ao advento das plataformas digitais, que hoje promovem o lançamento de milhares de novos conteúdos musicais a cada dia.

A disputa judicial promete se prolongar, com a defesa de Adele buscando reverter a decisão e apresentar novos argumentos.

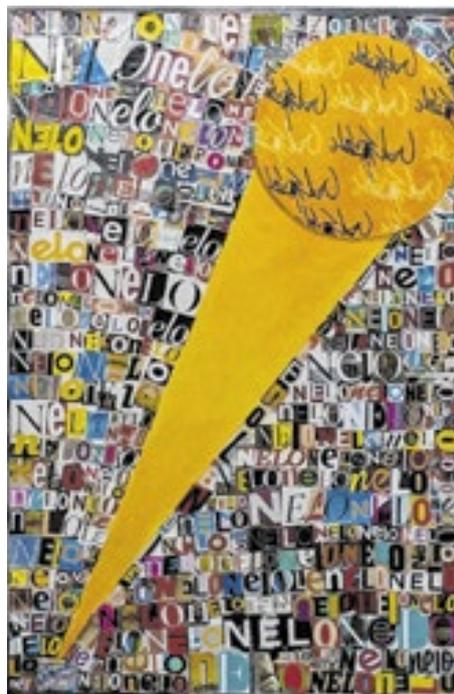
*Colaborou Affonso Nunes

Fotos/Divulgação



Explorando o efêmero e o eterno

Coletiva 'Ressonâncias de Verão' pode ser vista até o dia 16 na MBlois Galeria



O público tem na exposição um espaço tanto de celebração quanto de reflexão, onde é convidado a explorar o verão em sua exuberância e em níveis mais profundos e simbólicos



artistas desta coletiva estão Alexandre Matos, Andreia Portela, Antônia Célia, Carla Senna, Edina de Azevedo, Emma Monteiro da Rocha, Helenita Monteiro, Joseph Figorelle, Manuel Juan, Marlene Blois, Montezuma Ferreira, Rodrigo Rocha, Rosângela Sampaio, Sheila Reis, Tainara Caiuá, Tavinho Paes (in memoriam) e Vanessa Koiky.

“Como época do ano que se alterna e se repete, o verão carrega ressonâncias - emocionais, sensoriais ou estéticas - que nos acompanham muito além de seu término. Presentes nas obras, por meio de metáforas, simbolismos e poéticas, estão ressonâncias de um verão, ao explorarem o efêmero e o eterno. O público tem na exposição um espaço tanto de celebração quanto de reflexão, onde é convidado a explorar o verão em sua exuberância, quanto no que representa em níveis mais profundos e simbólicos”, destaca Montezi.

Como convidado especial o artista alemão Jürgen Eichler, criador do Holograma Arte - técnica que permite criar imagens tridimensionais através da interferência da luz. Jürgen é professor de Física da Universidade de Berlim e representado pela MBlois no Brasil.

“No Rio e, particularmente em Ipanema, parece que o verão nunca acaba, o mar convida para um mergulho, o sol para olhar o entorno com alegria. Há um mundo de elementos sensoriais, emocionais e culturais associados à estação do ano. Mas há o que ecoa, o que parece reverberar, trazendo à tona, não apenas um período do ano, e sim um tempo carregado de sensações, de memórias e influências que perduram e criam ressonâncias que estão nas obras de Arte criadas”, afirma Montezi no texto curatorial da mostra.

Com múltiplas camadas de significados, tanto físicas quanto emocionais advindas da estação, é fácil identificar a intensidade luminosa, as cores vibrantes, o movimento e a sensação de liberdade presentes nas criações. As “ressonâncias” podem se referir, também, a memórias e sentimentos que o verão desperta, sejam referentes a momentos alegres, nostálgicos ou efêmeros.

SERVIÇO

RESSONÂNCIAS DE VERÃO
MBlois Galeria de Arte (Rua Visconde de Pirajá, 111 - loja E, Ipanema)
Até 16/1, de segunda a sexta (14h às 18h) Entrada franca

A MBlois Galeria de Arte e a Ava Galleria Rio apresentam a exposição “Ressonâncias de Verão” que, segundo seu curador, M. Montezi, traz como tema uma maneira de refletir sobre a transitoriedade da vida. Entre os